

# ALAGRIA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## THEATRO GIL VICENTE

« Diz-se que uma das mais bellas missões da imprensa é defender a boa razão, a arte, e a honra e gloria da patria. Imagina-se ampla colheita de renome, de benções, de vantagens de toda a especie para o escriptor que alevanta a voz a favor do bom, do justo e do bello, se a voz do que escreve é assás poderosa para

Não imaginamos a nossa voz assás poderosa para se esperar que mova o animo dos nossos concidadãos. Mas é que na medida das nossas forças crêmos prestar a devida satisfação aos deveres a que todo o cidadão está sujeito, quando a sua incapacidade absoluta o não iniba d'esse encargo, pondo ao corrente do publico as considerações que um aturado e consciencioso exame da planta e defesa produzidas pelo sr. engenheiro Lima, nos revelam.



se esperar que mova os animos dos seus concidadãos. E com effeito, indicar a estes o recto caminho, quando transviados; tentar afieçoá-los a nobres e puros sentimentos; fazê-los amar o solo natal; despertar-lhes affectos pelo que foi grande e nobre na historia do paiz, parece que deveria produzir fructos de benção para o escriptor que o tentasse.

As palavras que ficam acima, palavras do nosso grande escriptor Alexandre Hereulano, são o mais de molde possível a encabeçar as razões que no presente artigo hemos de expôr em defesa e esclarecimento do nosso caracter, da intuição que nos suggestiona na critica que fizemos da obra do sr. engenheiro Lima.

Deixando de parte as amabilidades ironicas com que aquelle cavalheiro nos quer distinguir passamos a contestar ou esclarecer, conforme a necessidade.

S. ex.<sup>a</sup> o sr. engenheiro Lima pavoneia-se e atira-nos, á laia de ultimo argumento, com a approvação obtida da Camara Municipal para o seu trabalho. Já aqui dissemos alguma coisa bem expressiva a respeito d'essa approvação; agora, porém, vem a proposito acrescentar que os membros da Camara Municipal são, sem offensa, perfeitamente leigos em taes materias. Traz ainda o nome do sr. Chrysogono. Assombra-nos que um engenheiro se socorra do parecer de um conductor seu inferior hierarchi-

co, para defender um trabalho. S. ex.<sup>a</sup>, o sr. Lima, não nos consente, por não termos diplomas, que lhe critiquemos a sua obra e entretanto vae invocar a sombra protectora de um inhabilitado, officialmente. O que se dá com a Canara e com o sr. Crysgono dá-se egualmente com a empreza do theatro, que tambem não tem auctoridade official.

No ardor da sua defeza s. ex.<sup>a</sup> esquecen-se de que havia escripto no arrasoado que acompanhava o seu projecto. Na sua defeza, pergunta elle: «As portas deviam abrir para fóra? Não, porque prejudicariam o transito na rua». E no projecto lê-se: «Além d'estas saidas tem ainda duas lateraes (portas), uma destinada aos actores, coristas, etc., situada no paleo, e outra n'um dos corredores lateraes da plateia. Estas portas abrem para o exterior».

—Então não há portas que abrem para a rua? Já no numero passado dissemos que as portas podem abrir indistinctamente para um e outro lado não impedindo o transito na rua. Em caso normal estão abertas para dentro, e em caso de sahida precipitada abrem para fóra. —A qual dos dois inconvenientes se deve attender mais? Ao do impedimento anormal do transito na rua, ou ao impedimento da sahida em caso de sinistro?

Outra cousa: Uma escada tem de largura a mais do que a outra 0.<sup>m</sup> 15. Nos camarotes ha 95 logares. S. ex.<sup>a</sup> diz que são 48 pessoas para cada escada.

Ah! sim, um pequeno engano do sr. engenheiro veio illucidar-nos. São 48 pessoas para uma escada e 47 para outra. As 48 para a larga e as 47 para a pequena. Estamos vendo isso. Acresce que o sr. Lima deu tanta importancia áquella pessoa que em caso de sinistro vae a mais para um dos lados, nem sabe para onde, que lhe fez para ella uma escada que tem mais 0.<sup>m</sup> 15 de largura, e que não tem aquelle leque impossivel da destinada ás 47. A 48.<sup>a</sup> pessoa deve ser não só de uma entroncadura gigantesca, mas tambem de uma pachorra e sangue frio admiraveis para contar, suffocada pelo fumo, flegmaticamente, a dedo, com a planta do sr. Lima na mão, quantas pessoas fogem para cada lado e de que banda fica a escada larga que lhe foi destinada. Este theatro é uma obra gigantesca de previsão, de prudencia e de pedra.

Mais ainda: Diz s. ex.<sup>a</sup> que a escada precisava de um espaço de 7.<sup>m</sup> 20, quando o disponivel é apenas de 5.<sup>m</sup>. Quer nos parecer que s. ex.<sup>a</sup> brinca. A altura do primeiro pavimento desde a soleira da porta até ao corredor é de 3.<sup>m</sup> 20. A 0.<sup>m</sup> 15 cada degrau, que é a altura media regular, dá o total de 20 degraus. Tendo cada patim a 0.<sup>m</sup> 25, dá um total em comprimento de 4.<sup>m</sup> 75.

Já vê s. ex.<sup>a</sup> que não são necessários os 7.<sup>m</sup> 20. Além d'isso, se em vez da escada formar um angulo recto, dando como consequencia um leque no vertice, s. ex.<sup>a</sup> a trouxesse junto á parede, teria assim o espaço desejado, mais do que o desejado ainda, podia mesmo dar aos patins a largura de 0.<sup>m</sup> 30, e não desperdiçaria como desperdiçou o espaço de um triangulo escaleno que mede umas arestas 5.<sup>m</sup> 10 e 3.<sup>m</sup> 90 e 1.<sup>m</sup> 70.

Ainda se s. ex.<sup>a</sup> aproveitasse aquelle triangulo para guardar os candieiros, vi. Mas espedir terreno, e vir logo queixar-se de que lhe falta, parece-nos fortí.

Ainda mais: diz s. ex.<sup>a</sup> na sua defeza «que o corredor tem de dar passagem ao maximo de 53 pessoas, e cabendo tres pessoas a par, os espectadores não enchem o corredor respectivo.

Comprehendemos. Em caso urgente, a tres de fundo. Estamos d'aqui a ver, o scenario em chaminas, gritos de desespero, fumazada pelas goéllas, e o respeitavel publico, a tres de fundo, direito, esquerdo, direito, esquerdo...

Outra: s. ex.<sup>a</sup> quer que os corredores sirvam para regular a sahida. Ora a escada é um corredor com degraus. É em caso de fuga, sim senhor, lá está aquelle leque... para facilitar, não é?

Terminando:

Temos a declarar que para estás apreciações consultamos mestres com auctoridade no assumpto.

O sr. engenheiro estudou para ter garantias de artista á fice da lei; nós estudamos para ter auctoridade de fallar no campo livre da imprensa e n'esta hora alta da civilisação, e para exercer esse direito, como nos cumpre.

Ouça v. ex.<sup>a</sup> agora:

Ha poucos dias achava-se na administração d'esto concelho um engenheiro, que nada sabia a respeito do theatro. Perguntada a sua opinião a respeito de um edificio que anda a construir-se no fundo da rua Direita, elle, sem opinião antecipa-la, respondeu: «Sim, parece que vi, aquillo deve ser, em cima talvez para deposito de cereaes, e em baixo é provavel que para generos do commercio diario.»

A figura n.º 1 representa a fachada principal do theatro Gil Vicente em construcção, para os nossos leitores fazerem o confronto com a nossa que publicámos no numero passado. A figura n.º 2, extrahida do «Vinhola dos Proprietarios» representa uma casa de ha quatro seculos que dá uma ideia da fachada do nosso theatro. É talvez uma parodia ao seculo XIX.

N. B.—Os artigos «Theatro Gil Vicente», ao contrario do que alguém propalou, pertencem á redacção da «Lagrima», a mais ninguém.



COM LICENÇA:

Um abraço amigo Albino. Não é o primeiro; muito menos será o ultimo. Uma boa meia dúzia de annos de convivência académica desinteressada e digna tem jús a uma serena e nobre amisaile, amisaile que da minha parte é cheia de gratidão.

Faz-se mister to-lavia um reparo. Não pó-le a amisaile pôr entraves á justiça, da mesma maneira que a estrella da manhã, com todo o seu brilho e apesar do seu brilho, os não pó-le pôr á luz do sol.

A «Lagrima», que é um jornal, articulou com a «Folha», que é outro jornal; não foi o condiscípulo amigo que articulou com o condiscípulo amicissimo. A questão individual e particular, deriva-la da questão jornalística e geral, é uma baixeira para quem presa a sua dignidade litteraria, e eu garanto que seria mais facil quebrar esta penna com que escrevo do que molhar-na tinta do aleive ou da injúria contra quem quer que seja.

Aquella observação ao publico de não ser o escripto da «Lagrima» feito, nem por bacharel, nem por artista, nem por esultante, foi pois, é, e continuará a ser uma verdade, enquanto a questão, de social e publica que era, não fór convertida em questão mesquinamente pessoal; quando as coisas chegarem a esse ponto, accendo o meu cigarro, disfarço, e safo-me, que é o mais prudente.

Não faço prosa de encomenda. Quando é de justiça, o pedido, venha de onde vier, traz sempre em si o cunho do que é justo.

A «Lagrima» disse o que sentia e disse o que era verdade. O edificio do theatro é uma mole mediévica de materia, ou eu não vejo, ou eu não sinto, ou devo ser balçado á exacração dos tempos, ou eu me devo agachar, humilde e contrito, no tabarão dos idiotas reforma-los. No atlas de Cezar Lombroso não vem o meu *simile*. Portanto, não sou nenhuma besta.

Não esgaravanei se eram da lavra d'este ou d'aquelle as beldroegas da «Folha». Quando tentei escrever acerca do theatro nem sequer apparecido era ainda a lume o artigo da «Folha» que a tal se refere. Mas vá de hypothese que o era. A «Folha» não tinha razão; e era isto o bastante para que a qualquer homem, viesse d'onle viesse, corresse a obrigação, sim, a obrigação, de lhe replicar, porque é dever de todo o homem fornecer o seu contingente de energia, de vontade, de esforço, por pequeno que seja, para a radicação do sentimento da justiça no meio social em que vegeta, fornecendo ipso facto um elemento para a conquista da verdade universal. Nós somos homens. Sentimos, queremos; vivemos. E viver, segundo eu o comprehendo, não é esse arrastar monotono de grilheta presa á ro-

tina tradicional; não. Viver é caminhar. E' avançar desassombrado e livre, para a sciencia que alumia, para a justiça que nivela, para a energia que produz. Viver, na sociedade moderna, é alqueivar charnecas, é secundar bravios e arrotear chavascaes. Adeante.

O ultimo artigo da «Folha» é nimamente injusto para commigo. Um jornal não é um homem, é uma sociedade; não é um pensamento, é uma doutrina; não é um prélo que geme, é uma opinião que falla; não se chama nem Leite nem Oliveira, nem Vergniaud, chama-se Parcellos ou Paris, chama-se Portugal ou França. *L'amí du peuple* não era um jornal, era uma revolução, não se chamava Marat, chama-se Povo. A harpa de David, a lyra de Pindaro, as estrophes de Valmiki, as lendas dos Niebelungen, a cythara dos trovadores, a bandurra de Garcillasso, o alaúle de Camões, não eram instrumentos de orchestra, nem eram versos; eram epochas vivas que sentiam, eram idéas que fallavam. A «Lagrima» tambem é uma opinião que se manifesta e que espera pelo seu impugnador.

Parece que a gente diz as cousas para não serem comprehendidas. A observação posta na frente do artigo da «Lagrima», dizia tudo.

Vae já ficando para o Passado a phase historica chamada Individualismo, e a constituição social, alumia-la nos seus fundamentos por uma nova luz, entra ousadamente no movimento scientifico da theoria moderna, que a arte chama Realidade, a politica Evolução, a sciencia Positivismo, e a religião—Humanidade—e a imprensa, o vehiculo por excellencia das idéas, deixou de representar um homem ou uma facção para representar um typo, uma collectividade.

Não bisponteí pelos alinhavos da «Lagrima», nem inventarieí os tarécos de uma opinião mesquinha. Disse o que muita gente pensa e o que muitissima gente sente, sem allusões a pessoa alguma, sem referencias a ninguem, exceptuando o jornal chamado «Folha da Manhã».

Eu já termino.

Ha uma referencia, que deveras me maguou, no ultimo numero da «Folha». Alli ha engano por força, porque não me ageito a acreditar que haja má fé.

«Que me foi trinchado o resto da minha local, que pelos modos me chamava ingrato...»

Ao espirito forte é lícito duvidar, é natural ignorar; mas phantasiar... nunca. Eu ainda não dei a ninguem o direito de enxertar na minha dignidade litteraria uma supposição que, para o homem seria uma injúria, e para o amigo um crime. Ha muito jornal a quem a gente pó-le e deve chamar «burro» (note-se que a «Lagrima» ain-la não chamou burro a ninguem; nem mesmo á «Folha». E' necessario que saibamos lêr!) mas não ha nenhum homem para com o qual nos corra tão aparrada obrigação.

Ahi vae o resto da local, cujo original tenho em meu poder; e peço á «Lagrima» a fineza de publicar ou tudo o que a minha humilde penna escreve, ou nada.

E' o seguinte:—«Junqueiro e Voltaire, deram cabo do ultimo diabo, mas ainda não houve nem haverá {Voltaire nem Junqueiro que seja capaz de dar cabo do ultimo hypocrita.» Era isto mesmo.

A «Lagrima» recusou dizer isto á «Folha».

Digo-lh'o eu.

Não é ao amigo que eu fallo; é á penna que escreve; é ao jornal que publica. Deixemos lá a questão pessoal para ser tratada pela nossa réles politica, nas alfurjas dos parlamentos, ou nas reuniões palurdias da botica d'aldeia. Dêmos ás palavras o travôr da ervilhaca, mas no campo impessoal da imprensa, ao ar livre, sem entrar no quarto do escriptor. No emtanto, está aberto o meu quarto. Arranjada a cama, espanada a mobilia, lavado o bacio, aqui estou, á entrada da porta, a mão sobre o corrimão da escada. Entrem, façam favôr; ninguém lhes bate. E' humilde, muito humilde mesmo, mas está limpo. Estão alli as escovas com que eu engraxo as minhas botas e está acolá uma agulha, espetada na estante, entre o Plutarco e o Julio Diniz, com que eu prego, ás vezes, algum botão.

Barca do Lago.

José d'Oliveira.

### COM... CORDA

Sim; bem comprehendemos. A «Folha da Manhã» retirou-nos a confiança.

Que rôr de noites mal dormidas, que rôr de dôres comprimidas, que rôr de creanças derruidas, desde que a «Folha» declarou não nos emprestar mais a sua corda para irmos á feira.

A «Folha» é de uma crueldade inaudita! Passamos-lhe pelas cadexas empoadas a carduca atrevida, é uma aristocrata que á minima quentura nos desenvolve ao olfacto o odor de leite esturrado jamais poderia consentir que um bicho plebeu e minuscuro como é a «Lagrima» lhe esfancasse o penteado.

Confrontem os nossos amigos de Soutello (correio de Braga) onde a neve é rija e a carne do toucinho tem a vermelhidão do tomate maduro, confrontem estas duas coisas:

Lê-se na «Folha» de 12 de agosto ultimo, referente á «Lagrima»: «Diz o nosso amigo e director d'este brilhante quizenario illustrado, Augusto Sobcasaux...» etc.

E passadas duas, três semanas lê-se na mesmíssima «Folha» o seguinte: «...a «Lagrima», papel mais sujo e direcção mais apandilhada...»

Leite esturrado... sempre era o que nós diziamos.

E' isto. Transformação completa. Só com

uma differença. A transformação em vez de ser operada por processos de segura racionalidade, foi-o pelo dinheiro. Até aqui era *brilhante*. Agora é *pandilha*. Não nos enganamos. O *brilhante* transformou-se em *massa*... (não confundir com massa cerebral).

Para se dizer que uma frontaria de theatro é de estylo romano, carece-se de conhecimentos e intelligencia. Para se dar um coice, basta ser burro.

Camillo disse haver jornaes que deviam ser lidos com um olho só.

Commentando:

A «Folha», por exemplo.

E' sabido que ha coelhos albinos.

—Haverá tambem camêllos albinos?

No campo da Feira:

Um burro carregado de livros, ergue a cabeça circumspecta e brada por ali fóra:

—Quem é que falla aqui em theatro?

O collega da «Folha» escreveu *Com...traste* a local referente á «Lagrima».

Então já deixou de fazer uso da caneta!\*

### A' ULTIMA HORA

Apesar de o constructor do theatro Gil Vicente ter, como medida de prudencia, augmentado 0,090 á flexa do arco do proscenio, dando-lhe assim 4,03, este começa, antes ainda de se lhe tirar o simples, a fender e a abater assustadoramente. A cornija do lado da rua do Infante D. Henrique abriu por tres pontos! Infelizmente vae-se tornando verdade material o que aqui temos dito sobre a incorrecção do projecto.

No honrado e illustrado collega o «Annunciador» encontramos as seguintes linhas, que agradecemos:

«A *Lagrima*». Felicitamos este nosso apreciavel collega d'esta villa, pela energia com que magistralmente defende as suas observações feitas nos ultimos numeros á planta do theatro Gil Vicente, em construcção. E' assim como se faz; diz-se uma coisa gracejando, como se suppõe ter sido a primeira localzinha sobre este assumpto; não foi admittido o gracejo, mas admittio-se agora pranchada a valor.

Deixou de pagar a sua assignatura Julio Graça, alfaiate, o «Gago»:

Este Graça é uma desgraça,

Este Julio é uma miseria;

Quer a «Lagrima» do graça

Do graça, sim, isso é leria.

Typographia Barcelense

Editor: João Gonçalves da Silva